

O TERRITÓRIO SENTIDO: EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS COMO PONTE ENTRE MEMÓRIA E ENSINO-APRENDIZAGEM NA ARTE

Giovanna Moraes de Oliveira¹, Tamires Tavares Martins Henrique¹, Jéssica Monteiro Pinto¹, Luís Alberto de Souza²

¹Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, gioGIO_morais@outlook.com, tamirestmh.tt@gmail.com, jessica@univap.br

²EMEFI Professora Vera Lúcia Carnevalli Barreto, Av. Olivo Gomes, 520 - Santana - 12212-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, luisprof.art@gmail.com

Resumo

O presente artigo tem como principal objetivo relatar a pesquisa e a aplicação de atividades sensoriais direcionadas ao 7º ano e 9º ano da escola EMEFI Prof. Vera Lúcia C. Barreto na cidade de São José dos Campos. Após a identificação de lacunas de memória afetiva e pertencimento ao território, providas de observação e discussões acerca do tema no PIBID, as bolsistas desenvolveram e realizaram atividades sensoriais a fim de resgatar e ligar os estudantes às memórias afetivas e culturais, relacionando com temas já desenvolvidos pelo professor dentro de sala de aula. Foi obtido como resultado que, apesar do distanciamento do território por falta de repertório e sobretudo, memória cultural, atividades sensoriais aproximaram os alunos ao território e integrou-se o sentimento de coletividade nas atividades. Na arte-educação, atividades que aproximam o sujeito ao território e práticas que incentivam momentos de troca, mostraram-se capazes de transformar o ensino-aprendizagem, resgatando afetividades culturais por meio dos sentidos dos alunos, tornando-se assim, ponte entre o sensível reconquistado e a aprendizagem.

Palavras-chave: Território. Experiência sensorial. Memória. Educação. Arte.

Área do Conhecimento: Humanas (INID).

Introdução

O aroma do café recém-passado que se espalha pela casa nas primeiras horas do dia; o abraço com o toque suave de um vestido florido; o reconhecimento de uma presença por meio do som dos passos ou do ritmo da respiração; as cores com gosto de festas antigas; o silêncio da oração. Do início ao fim, experiências sensoriais possuem o poder de transformar e transportar memórias. É aquela lembrança que emerge diante de um determinado cheiro ou de um sabor específico — o que se convencionou chamar de “memória afetiva”.

São as memórias que ligam o sujeito ao território e à comunidade a que se pertence, um solo fértil capaz de abrigar vivências e lembranças, e que transcende aqui os limites geográficos ou delimitações espaciais. O território, por sua vez, se faz na ação humana, em práticas sociais e culturais, dessa forma tornando-se potencialmente educativo, por nele circularem saberes, práticas, memórias, modos de vida e relações de alteridade, nas quais podem se apreender modos de ser e viver (SOUZA E LOURENÇO, 2020, p. 880).

Em contextos escolares marcados por uma diversidade de experiências, sobretudo em regiões periféricas ou interioranas, é fundamental considerar que o aprendizado não ocorre de forma desvinculada da vida, mas é, ao contrário, profundamente enraizado no lugar, no corpo e nas vivências que o atravessam. Em “El Aprendizaje: Experiencia sensorial práctica y entendimiento” os autores enfatizam como a estrutura do cérebro e suas ações na sociedade formam a realidade do sujeito, “O homem é o que ele faz; sua ‘práxis’ define a realidade” (DESCOMBES, 1988, p. 149).

O presente artigo apresenta experiências sensoriais como ferramentas que aproximam o sujeito de seu território, ativando memórias, afetos e percepções que conectam o indivíduo ao espaço onde vive. A pesquisa propõe e aplica atividades que ativam os sentidos e relação com suas próprias histórias,

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

para uma turma do 7º ano e uma turma do 9º ano, da EMEFI Prof. Vera Lúcia Carnevalli Barreto, localizada no bairro de Santana, na zona norte de São José dos Campos, bem como os relatos das pesquisadoras acerca da troca de experiências.

Metodologia

A metodologia trata-se de uma pesquisa aplicada, de natureza qualitativa, e abordagem de pesquisa-ação, e compreende 5 passos, a saber: 1. conhecer o território e identificar suas necessidades; 2. identificar o meio de contribuir para sanar essas necessidades; 3. levantamento bibliográfico; 4. elaboração das atividades; 5. aplicação das atividades e observação para os relatos.

Inicialmente, durante as primeiras semanas da iniciação à docência, foram observados o relacionamento entre estudantes e seu o território, pois os mesmos não possuíam profunda relação afetiva e de pertencimento com o contexto em que viviam. Em seguida, houve um diálogo com o supervisor, unindo demanda e as áreas de interesse das pesquisadoras, que abrangem temas sobre pertencimento ao território, práticas culturais, memórias e o sensorial como processo criativo.

Dito isto, buscou-se resgatar as memórias culturais e territoriais dos alunos por meio do sensível, aplicado aqui, com atividades sensoriais, ativando os sentidos dos alunos com elementos importantes para o local onde vivem, explorando também as experiências de seus pais e avós, para enriquecer as práticas aplicadas aos estudantes.

O levantamento bibliográfico foi realizado utilizando os descritores “território”, “experiência sensorial”, “cultura” e “memória cultural”, “relação do sensível com o aprendizado das artes” e “experiência sensorial na arte”. O estudo busca explorar e identificar como experiências sensoriais estão relacionadas à memória cultural, utilizando os sentidos dos alunos no processo de ensino-aprendizagem focado em práticas artísticas. Foram utilizados como materiais de embasamento, estudos onde se abordam experiências sensoriais, como o cérebro e a atividade cerebral se comportam com esses estímulos e a importância do enriquecimento de processos sensoriais e culturais no ensino, são eles: “El Aprendizaje: Experiencia sensorial práctica y entendimiento” (DÍAZ E PORTILLA, 2021), “Memória, identidade e território: mapas afetivos como indicadores de hábitos culturais” (CIASCA, 2018) e “Relação com o saber e território: experiências de estudantes em tempo integral” (SOUZA E LOURENÇO, 2020). Assim, enfatizando que, práticas pedagógicas que valorizem a cultura local, sobretudo, que utilizem o lado sensorial, transformam o ensino-aprendizagem por meio de memórias afetivas.

As atividades foram aplicadas durante o primeiro semestre de 2025, sendo divididas em dias diferentes, dentro e fora da sala de aula. Na atividade proposta para o 7º ano, os alunos foram convidados a conhecer um dos centros culturais situados no bairro, a Casa de Cultura Caipira Zé Mira. Este primeiro encontro foi acompanhado por uma das responsáveis pela casa, que ambientou os alunos antes da proposta e, ao fim, conduziu uma roda de perguntas. Após este primeiro momento, os discentes foram convidados a explorar, com papel e lápis em mãos, o território da casa. Ao final do primeiro encontro, foi proposta mais uma das atividades: a construção de uma cartografia afetiva. Mapas do bairro de Santana e suas principais instituições, incluindo a própria escola, foram distribuídos, com algumas perguntas orientadoras.

Em um próximo encontro, ao chegarem na casa de cultura, duas estações sensoriais estavam montadas à espera dos alunos, que seriam divididos em dois grupos. O primeiro grupo encaminhou-se à oficina de pintura com café, que contava com uma mesa grande e cadeiras ao redor, com papéis de aquarela, alguns pincéis, e café passado e diluído das mais diversas formas. Durante a execução, também foram introduzidos a mesa bolo de fubá com goiabada e alguns amendoins, a fim de ativar mais um sentido além do olhar, para maior envolvimento sensorial na atividade. Os alunos foram introduzidos à proposta de utilizarem do olhar e do paladar como transportadores de memórias pessoais e ferramentas de tradução do sensível para o visual. No segundo grupo, os alunos deveriam sentir, ao toque, uma moringa feita em argila, e reproduzir o objeto com sua própria modelagem. O segundo sentido entraria como um desafio, já que, enquanto produziam, músicas típicas da cultura caipira, como a moda de viola, tocavam em uma caixa de som e, ao ser pausada pelo orientador da atividade, os participantes deveriam trocar de lugar com seu colega ao lado e dar continuidade aos seus trabalhos.

A atividade sensorial seguinte foi aplicada ao 9º ano e foi proposto somente uma atividade, que, relacionada com o tema da aula, buscou explorar os sentidos dos alunos para o desenho, mostrando

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

à eles outras formas de desenhar. A proposta foi que cada aluno desenhasse um busto feminino, enquanto segurava o lápis ou caneta com a boca, foi posto um papel coletivo em cima das mesas onde cada aluno realizou a prática sensorial.

As atividades foram elaboradas a partir de experiências prévias vivenciadas na faculdade e na vida cotidiana das pesquisadoras e aliadas às habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) com apoio do supervisor Luís Alberto de Souza.

Resultados

Buscando dar continuidade na temática já desenvolvida em sala de aula pelo 7º ano, a cultura caipira, a primeira atividade teve como premissa as formações pessoais e regionais dos estudantes e respectivo contexto escolar. O contato inicial com os alunos ainda apresentava resistência, tomando certo tipo de distanciamento do tema, ainda que muitos carregassem essas vivências em suas formações identitárias, reforçando o eixo norteador de aplicação do projeto nesse contexto escolar. Devido ao distanciamento, o convite a mudança de espaço da escola para a casa de cultura mobilizou uma relevante mudança de estado entre o que era desconhecido e o que passou a ser memória resgatada e afetiva. Antes de formalizar qualquer conceito acerca da casa e sua respectiva cultura, os alunos se apropriaram de suas próprias referências, reacendendo camadas da memória que outrora pudessem estar silenciadas, se identificando com os objetos, reconhecendo texturas, relembando histórias e sentindo o território, se acomodando, assim, para futuras vivências na casa. Ainda nesse primeiro momento, o mapa afetivo foi a ponte que ligou a vivência de cada um ao seu território, fazendo com que desenvolvessem, livres de cobranças de entrega e apropriados das memórias vividas durante a ida à casa, textos ou elementos visuais que criaram, através de percepções, afetos e lembranças, uma representação territorial da própria história, o que tornou, para eles, a jornada ainda mais pessoal e sensível.

Em uma imersão, as próximas atividades dirigidas ao 7º ano ativaram alguns dos cinco sentidos em conjunto, utilizando do café e da culinária regional em função do olfato e do paladar, o que resultou em pinturas afetivas repletas de lembranças familiares e contação de histórias trocadas dentro do grupo. Enquanto a atividade sensorial com o café acontecia, o segundo grupo participava da oficina de modelagem em argila, sendo o material um importante elemento da cultura trabalhada, com a grande referência do trabalho das figureiras na região, além de sua produção ser totalmente focada no manual e coletivo, desde a coleta do barro até a modelagem dos objetos, informação que foi passada durante a abordagem. A troca de lugares durante a produção do objeto foi o que reforçou o ideal de coletivo proposto no início da atividade, como sugere o trabalho com o barro, e mobilizou uma interação produtiva e dinâmica entre os integrantes dos grupos, resgatando até mesmo brincadeiras de suas infâncias. Tal proposta foi um dos pontos altos do projeto, visto que o contato sensorial aconteceu em sua forma mais plena, o que de fato agiu como um transportador de memórias dos alunos para o presente momento, fazendo-os ligar os fatos de sua família, história e vida aos elementos culturais e territoriais que estavam sendo apresentados.

A atividade desenvolvida com o 9º ano buscou mostrar outras possibilidades de desenho aos alunos, o que promoveu descontração dentro da sala de aula com uma atividade divertida onde puderam trocar experiências. Com isso, foi observado maior entendimento da proposta por eles ao longo da atividade, pois foram estimulados a observarem os desenhos de cada um de forma leve, espontânea e divertida. Portanto, apesar da atividade desenvolvida se tratar de uma prática individual, o sentimento de coletivo se mostrou presente, enriquecendo ainda mais a proposta sensorial.

Figura 1 - Oficina com Argila.

Figura 2 - Oficina com Café.

Figura 3 - Oficina de Desenho.

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO



Fonte: Próprios Autores



Fonte: Próprios Autores



Fonte: Próprios Autores

Com as aulas, o que era estranhamento - apesar de carregarem o bairro como cenários de suas histórias - tornou-se resgate ao adentrarem, através dos sentidos, os espaços, os elementos e as lembranças que permeiam o imaginário popular da região. As atividades, principalmente as iniciais, serviram como um preparo para que o corpo, finalmente, fosse de encontro a liberdade do sentir, ao aconchego do afeto e às lembranças familiares, o que proporcionou, para os momentos seguintes, uma verdadeira imersão às origens de cada um.

Discussão

Tais memórias não estão restritas à doçura da nostalgia ou ao sabor agri-doce da saudade, sobretudo, carregam em si significados históricos, marcas de trabalho árduo e resquícios de revoluções. O caminho que liga o sujeito ao território — entendido aqui como solo fértil de memória, tradição e vida — é igualmente permeado por descuidos, medos e esquecimentos. Em questão de instantes, costumes transmitidos por gerações são soterrados por novas práticas e hábitos. Receitas ancestrais perdem seu tempero quando manipuladas por novas mãos. Tradições consolidadas são desconstruídas por não se ajustarem às rotinas contemporâneas.

Foi nesse lugar de esquecimento que o bairro de Santana, onde o presente contexto escolar está inserido, ganhou seu protagonismo. Sendo um dos mais tradicionais e históricos da região norte de São José dos Campos, o bairro funcionava como rota de tropeiros e ponto de passagem para garimpeiros vindos de Minas Gerais. Esse movimento migratório trouxe também tradições mineiras que marcaram a cultura local, como a moda de viola e a devoção à padroeira Sant'Ana, elementos esses que compõem a bagagem daqueles que carregam o bairro como cenário de suas histórias, por vezes, soterradas. Mesmo que muito jovens, a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, de forma que é, em partes, herdada, diz CIASCA (2018), e é na desconstrução paciente dessas camadas - andar por andar - que se encontra o caminho de volta à própria história.

Dessa forma, a territorialidade, a qual não pode ser reduzida a um “controle de área”, torna-se percurso, ponto de observação, abrigo de vivências e memórias e lugar de aprendizagem, como citado por Sack (apud SOUZA e LOURENÇO, 2020, p. 883). A escola, enquanto parte deste território, adquire outras dimensões quando compartilhada com a vizinhança, com os caminhos percorridos, com as paisagens familiares — parques, padarias, igrejas e praças. O território expande-se à medida que se inscreve nos detalhes: nas cores das fachadas, nas espécies das árvores, nos nomes das ruas e nas histórias que as compõem. Ele se molda conforme é vivido e, sobretudo, conforme é sentido, “...o mundo não nos é dado: construímos nosso mundo a partir de experiências incessantes, categorização, memória e reconexão” diz Sacks (apud DÍAZ e PORTILLA, 2021, p. 35).

Entretanto, a ausência de práticas que envolvam o reconhecimento do entorno, a escuta das histórias locais e a visita aos centros culturais próximos evidencia uma lacuna na formação identitária dos estudantes. Muitas vezes, não se reconhece a própria história como parte da construção do conhecimento. O cenário educacional contemporâneo apresenta, portanto, uma necessidade urgente:

A Ciência do NANO e seu impacto transformador no MACRO

a de incorporar práticas pedagógicas que valorizem a cultura local, os saberes cotidianos e as histórias individuais dos estudantes. Na educação, é essencial compreender que, assimilar informações não se limita a ações passivas dos estudantes, mas sim que estes adquirem um significado prático na vida, diz Sacks (apud DÍAZ e PORTILLA, 2021, p. 27). As experiências sensoriais se colocam, nesse contexto, como ferramentas metodológicas que aproximam o sujeito de seu território, ativando memórias, afetos e percepções que conectam o indivíduo ao espaço onde vive. Sentir o cheiro do café coado, tocar objetos típicos, escutar os acordes de uma viola ou reconhecer sons típicos da paisagem local são ações que mobilizam o corpo de maneira integral. Esses estímulos sensoriais não apenas despertam lembranças e vínculos afetivos, como também atuam como dispositivos cognitivos que organizam e ampliam o campo do conhecimento.

Segundo CIASCA (2018), os mapas afetivos, por exemplo, objetivam representar como se revelam determinadas lembranças de algum indivíduo relacionadas a um local, evidenciando seus lugares de memória, ressaltando, também, que ao criar uma representação do mundo, estabelece-se sentidos que “expressam o cultural e o social, produtos de seu entendimento sobre o espaço vivido, percebido, sentido, amado ou rejeitado”, como cita Kosel (apud CIASCA, 2018, p. 213). Ciasca ainda aproxima a atividade do que chama de “democracia cultural”, focada no desenvolvimento de identidades locais ou regionais das culturas minoritárias e das tradições populares, visto que, historicamente, os mapas sempre foram utilizados como instrumentos de dominação e manipulação.

Na arte educação, a articulação entre experiência sensível e reconhecimento do território revela-se especialmente fértil, já que as práticas artísticas, por natureza, operam com os sentidos. Ao situá-las dentro de um espaço específico, o ensino das artes ultrapassa a dimensão técnica e estética tradicionalmente valorizada, para assumir um caráter investigativo e relacional. Além disso, a inserção do território nas práticas artísticas escolares contribui para descentralizar a produção, tradicionalmente ancorada em repertórios eurocêntricos e urbanos, abrindo espaço para a valorização de estéticas populares, periféricas e tradicionais.

Aproximar o sujeito do território revelou-se uma experiência que atravessou o caminho de todos que estavam especialmente envolvidos, tendo sido uma imersão enriquecedora igualmente para ambos os lados - tanto para alunos, quanto para educadores. Tendo ou não envolvimento com o território, os resgates proporcionados pela memória aconteceram mutuamente, e o que inicialmente seria uma mediação entre aluno e território através do sentido, tornou-se troca de todos os lados.

Conclusão

O presente estudo permitiu compreender de que forma as experiências sensoriais, quando articuladas ao ensino das artes e ao reconhecimento do território, podem constituir uma ponte entre memória cultural e processos de ensino-aprendizagem. A análise das atividades propostas evidenciou que os sentidos funcionam como disparadores de lembranças e afetos que fortalecem o pertencimento dos estudantes à sua comunidade e ressignificam o espaço escolar como lugar de memória e criação, aproximando a escola do território em que se insere e ampliando o horizonte educativo para além da transmissão de conteúdos.

Ao propor metodologias que mobilizem o corpo e os sentidos, foi possível contribuir para preencher parte dessa lacuna, demonstrando que práticas pedagógicas sensíveis são capazes de promover uma aprendizagem significativa e culturalmente enraizada e tornando-se convite à continuidade de práticas pedagógicas que reconheçam o território como espaço vivo de saberes e a arte como mediadora essencial na construção de identidades e no fortalecimento da memória cultural.

Assim, o território sentido — isto é, o território apreendido pelos sentidos — torna-se um eixo estruturante do processo educativo, sobretudo no campo artístico. Através da exploração sensível do espaço e de seus elementos culturais, os estudantes são convidados a olhar para o que os cerca com atenção renovada. Esse olhar, movido por escuta, toque, cheiro e sabor, contribui para a reconfiguração da relação entre sujeito e meio, promovendo o reconhecimento da própria identidade cultural e o fortalecimento do sentimento de pertencimento. Trata-se, portanto, de um ensino que não apenas

transmite conteúdos, mas que escuta, acolhe e transforma — a partir do que é vivido, sentido e lembrado.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br>>. Acesso em: 21 de agosto de 2025

CIASCA, Kaian Nóbrega Maryssael. **Memória, identidade e território: mapas afetivos como indicadores de hábitos culturais**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, n. 6, junho de 2018, p. 207-221. Disponível em: <<https://www.sescsp.org.br/wp-content/uploads/2024/11/KAIAN-NOBREGA-MARYSSAEL-CIASCA.pdf>> Acesso em: 17 de agosto de 2025.

DÍAZ, J. F. H.; PORTILLA, M. G. P. **El Aprendizaje: Experiencia sensorial práctica y entendimiento**. En: Portilla Portilla, M. e Zamudio Tobar, G. (Eds. científicas). Rotas de investigación en educación, pedagogia, cultura e tecnologia (pp. 21-47). Cali, Colômbia: Editorial Universidad De Santiago de Cali. 2021. Disponível em: <<https://libros.usc.edu.co/index.php/usc/catalog/view/341/505/7091>> Acesso em: 11 de agosto de 2025

SACK, Robert David. **O significado de territorialidade**. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela. Territorialidades Humanas e Redes Sociais. 2. ed. rev. Florianópolis: Insular, 2013. p. 19-113. Disponível em: <<http://repositoriolabim.cchla.ufrn.br/bitstream/123456789/1364/3/O%20significado%20de%20territorialidade.%20Territorialidades%20humanas%20e%20redes%20sociais..pdf>> Acesso em: 15 de agosto de 2025.

SACKS, Oliver. **Un antropólogo en Marte. Siete relatos paradójicos**. Barcelona, Editorial Anagrama, 1997 (1a, ed. ing. 1995). Coléccion Argumentos. Disponível em: <<https://tavapy.gov.py/biblioteca/wp-content/uploads/2023/01/SacksO-Un-antropologo-en-Marte.pdf>> Acesso em: 11 de agosto de agosto de 2025

SOUZA, M. C. R. F.; LOURENÇO, M. N. S. **Relação com o saber e território: experiências de estudantes em tempo integral**. Revista Espaço Pedagógico, v. 27, n. 3, p. 876-900, dezembro de 2020. Disponível em: <<https://scholar.archive.org/work/nzde4akmojcztmjjxcis2aki/access/wayback/http://seer.upf.br/index.php/rep/article/download/12389/114115605>> Acesso em: 15 de agosto de 2025.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.